

**ENSINO UNIVERSAL: desafios e possibilidades para a emancipação intelectual**

Maria do Carmo Godoi  
Universidade Federal de Goiás/UEG-CEPAE  
maria.cgodoi@educ.go.gov.br

Naiá Márjore Marrone Alves  
Universidade Federal de Goiás/UEG-CEPAE  
naiamarjore@gmail.com

Renata Herwig de Moraes Souza  
Universidade Federal de Goiás/UEG-CEPAE  
renataherwig@hotmail.com

Santiago Lemos  
Universidade Federal de Goiás/UEG-CEPAE  
santiago.ufg@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo promover uma reflexão sobre a obra *O mestre ignorante* (2015) do filósofo Jacques Rancière. Busca-se ainda, compreender o método denominado “Ensino Universal” e sua contribuição ao processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o estudo contextualiza a obra, destacando a relevância dos estudos de Jacotot e a sua proposta de “Ensino Universal”; levanta conhecimentos relevantes no que tange aos aspectos histórico-filosóficos da obra; apresenta a posição do aluno, professor e livro no Ensino Universal, refletindo sobre o dialogismo do método com o pensamento de outros filósofos, apontando limites e possibilidades de aplicação desse método na atualidade e sua contribuição para o processo de ensino aprendizagem. A pesquisa é de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa. Busca-se, ainda, dialogar com outros autores cujas teorias educacionais estabelecem algum tipo de relação com a obra de Rancière. Por fim, espera-se formular uma análise sobre os limites e possibilidades para a instauração do “Ensino Universal” no contexto atual com base em outras teorias epistemológicas, apresentando-se os caminhos e os limites da obra perante o processo de ensino-aprendizagem, bem como a relevância e contribuição de Jacques Rancière ao denominado Ensino Universal no tocante à desigualdade das inteligências.

**Palavras-chaves:** O Mestre Ignorante. Igualdade das inteligências. Ensino Universal. Ensino-aprendizagem. Mestre explicador.

**ABSTRACT:** The main aim of this article is to promote a reflection about the work *O Mestre Ignorante* (2015) of the philosopher Jacques Rancière. It also seeks to understand the method called "Universal Teaching" and its contribution to the teaching-learning process. Therefore, the study contextualizes the work, highlighting the relevance of Jacotot's studies and his proposal of "Universal Teaching"; bring up relevant knowledge regarding the historical-philosophical aspects of the work; Presents the position of the student, teacher and book in the Universal Teaching, reflecting on the dialogism of the method with the other philosophers' thought, pointing out limits and possibilities of applying this method in the present time and its contribution to the process of teaching learning. The research is with bibliographic and qualitative approach. It is also look for to dialogue with other authors whose educational theories establish some kind of relationship with the work of Rancière. Finally, it is expect to formulate an analysis on the limits and possibilities for the establishment of "Universal

### Building the way

Teaching" in the current context based on other epistemological theories, presenting the tracks and limits of the work before the teaching-learning process, as well as the relevance and contribution of Jacques Rancière to the called Universal Teaching regarding the inequality of the intelligences.

**Keywords:** The Ignorant Master. Equality of the intelligences. Universal Teaching. Teaching and Learning. Explainer Master.

### **Contextualização da obra "O Mestre Ignorante"**

Todos os seres humanos nascem com inteligência, mas será que todas são iguais? Por que e para que educar? Esses são os grandes questionamentos que tomam conta da escrita de Rancière no livro "O mestre Ignorante" (2015). A obra narra a história do francês Joseph Jacotot que foi convidado a lecionar em uma turma de estudantes que só falavam a língua holandesa. Vendo essa dificuldade propôs aos alunos a leitura de um livro utilizando como dicionário tradutor francês/holandês o *Telêmaco*, forçando-os a desenvolverem sua autonomia e aprendizagem. De acordo com Jacotot, os alunos aprenderam os conteúdos de forma significativa e, levando a reflexão, é possível aprender sem um mestre explicando.

A partir desse fato, Rancière reflete sobre o método tradicional e qual o papel do professor mediador, desenvolve atividades as quais realiza constantemente avaliações para analisar se o aluno aprendeu, afirmando que esse tipo de método é conhecido como embrutecedor, pois não mostra diferentes caminhos de aprendizagem para o aluno. Já o método de aprendizagem observado na intervenção de Jacotot é considerado como método de emancipação, em que o sujeito desenvolve diferentes formas para buscar o conhecimento, podendo aprender qualquer coisa, dependendo do estímulo do professor e de sua vontade de desenvolver a inteligência, caracterizando assim o Ensino Universal.

Através do Método Universal, o mestre não precisa saber necessariamente do conteúdo em sua forma complexa, mas deve saber desenvolver recursos para o acompanhamento do discurso do aluno. Rancière (2015) utiliza como metáfora o artista/mestre o qual não precisa saber pintar, mas possui sentimentos e sabe comunicar-se com seus semelhantes, falando das obras e de suas poéticas que conhece, formando assim homens emancipados.

O autor condena a hierarquia de inteligências enfatizando que apenas os insensatos são capazes de afirmar que são superiores, utilizando-se de artifícios como bens materiais. Se fossem não precisariam de se autoafirmarem repetidamente para que isso torne verdade. Ao considerar esse argumento, o filósofo justifica que as inteligências são iguais, o ser humano se

### Building the way

diferencia dos outros animais por conseguir desenvolver linguagem articulada, que serve para fazer palavras e figuras para comunicação, logo quando são pequenos, agem da mesma maneira, em busca do instinto de sobrevivência.

Nessa perspectiva, Rancière afirma que o homem é uma vontade servida por uma inteligência. Se ele agir sem reflexão não produz ato intelectual. Uma das maneiras práticas para seu desenvolvimento é através da repetição. A infância é o principal período constituinte do homem, momento propício para exercer possibilidades de experiência, instigando sua criatividade e atos de criação, podendo improvisar como um artista, olhar de outras maneiras, onde seu sentimento ainda não está cristalizado. As cinco lições que Rancière comenta no texto são: Aprender; Repetir; Imitar; Decompor; Recompor. O ser humano deve ser instigado a isso, buscando quebrar os padrões entre o sentimento e a expressão, é necessário traduzir e contra traduzir.

As instituições educacionais devem dialogar com os estudantes e a comunidade, buscando quebrar a hierarquia de inteligências, mostrando que a igualdade de inteligências é possível, desenvolvendo uma educação menos burocrática e automática, sendo libertária.

É por isso que o Ensino Universal é oposto às instituições de ensino, além disso, deve ser proposto em primeiro lugar pelo ambiente familiar, o qual deve ser humanizado, mostrando as injustiças e desigualdades sociais, apontando o caminho da liberdade, em seguida por amigos e colegas, desenvolvendo a opinião, sendo que é uma forma de despertar o conhecimento.

### **A tríade no Ensino Universal: aluno, professor e livro**

Compreender todo o percurso histórico que permeia o método aplicado por Rancière aos alunos holandeses no século XIX é também associá-lo ao pensamento e à proposta de Jacotot, pois a experiência aplicada em Louvain rompe os paradigmas voltados ao processo de ensinar e aprender através da mediação docente na atualidade. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre o método aplicado por Rancière, a posição do professor (explicador), o papel do aluno perante esse processo de aprendizagem e a aversão do autor quanto à necessidade de explicação daquilo que está contido nos livros, bem como a teoria da emancipação e a discussão em torno do método universal.

Diante desses apontamentos, ressalta-se que a obra “O mestre ignorante – cinco lições de emancipação intelectual”, Rancière (2015) resgata a experiência educativa vivenciada

### Building the way

por Jacotot no ano de 1818, em que defende a ideia de que para ensinar não é necessário um mestre explicador, mas sim, um mestre ignorante, ou seja, aquele que instiga o aluno a buscar por si só o conhecimento disponível no livro, emancipando tanto aluno quanto professor. Assim, tem-se a ideia de Ensino Universal difundido nessa obra e o autor convida os leitores para vivenciar essa aventura intelectual, pois a emancipação nesse método entende o processo de aprender como individual e não coletivo.

De acordo com Rancière (2015) essa experiência pedagógica abriu “[...] uma ruptura com a lógica de todas as pedagogias. A prática dos pedagogos apoia-se na oposição da ciência e da ignorância” (p.32). Amparado pelas ideias do pedagogo francês Joseph Jacotot discute questões voltadas à emancipação intelectual, tendo como foco a igualdade das inteligências, em que pontua que a ignorância está associada ao embrutecimento propagado nos contextos escolares e das hierarquias constituídas ao longo dos anos, isso se dá por acreditar que a aprendizagem está ligada à classe social e à necessidade do mestre explicador.

Com esse ponto de vista, ressalta-se que o referido filósofo provoca algumas inquietações aos leitores dessa obra, justamente pelo fato do sistema educacional estar ancorado numa prática tradicional de ensino que valoriza a hierarquia pedagógica e o professor explicador, haja vista que essa prática ao longo dos alunos vem realmente favorecendo o embrutecimento dos educandos, pois cada vez mais é visível a dependência dos alunos pelo auxílio de outrem para a busca de conhecimento. Nesse sentido, observa-se que a ruptura como esse modelo de ensino precisa romper esses mitos que foram construídos com o tempo. E também por acreditar que a ignorância envolve não só aluno, professor e escola, mas o sistema educacional como um todo que não quer alunos emancipados e sim alienados.

Conteúdos que são retalhados da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganharia significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. (FREIRE, 1987, p. 33).

Ao associar o pensamento de Freire (1987) ao de Rancière (2015) no tocante à emancipação, pois ao trabalhar com conteúdos que ignoram a posição do sujeito enquanto agente transformador tem-se a prática desconectada da realidade, assim, a ordem explicadora, desperta uma “[...] cega evidência de todo o sistema de ensino: a necessidade de explicações” (RANCIÈRE, 2015, p.20). Isso é preocupante, pois tentar propagar uma prática pedagógica que tem contribuído ao embrutecimento é inaceitável no contexto escolar, necessitando de uma prática libertadora e não opressora. Freire (1987) enfatiza que a ignorância tenta mascarar o

### Building the way

processo educativo, trazendo discursos de uma postura dialógica e social, na qual centra-se nessa “libertação” ou “emancipação” uma postura mascarada. Ao contrário disso, defende-se a ideia de libertação e emancipação alicerçada no contexto interativo da aprendizagem e que esse dialogismo perpassa os muros da escola, contribuindo para formação holística do educando. Só assim ocorrerá a ruptura desses discursos opressores e a queda dessa hierarquia.

Ao contextualizar essa discussão com o pensamento de Jacotot quanto à aventura intelectual vivida em Louvain (1818), sabe-se que o método denominado Ensino Universal deu-se a partir dessa experiência, em que o referido mestre propôs aos alunos que lessem o livro intitulado *Telêmaco* para discuti-lo com o mestre, mesmo os educandos não dominando o francês. “Na situação experimental criada por Jacotot, o aluno estava ligado a uma vontade, a de Jacotot, e a uma inteligência, a do livro, inteiramente distintas<sup>1</sup>”. Por meio dessa experiência que tem como método “[...] puramente, o do aluno<sup>2</sup>”, em que o ato de aprender francês tão rapidamente suscita a ideia da igualdade da inteligência e o reconhecimento dos saberes filosóficos, pois relaciona-se a ciência com o ato de aprender.

Todavia, o ato de aprender nesse processo promove no criador algumas indagações quanto à forma de transmissão dos saberes, destacando como o ensino podia ser reproduzido “[...] por um mestre emancipador ou por um mestre embrutecedor; por um mestre sábio ou por um mestre ignorante<sup>3</sup>”. Segundo Rancière, é preciso inverter a lógica no sistema embrutecer, em que a explicação não é o cerne da aprendizagem, sendo imprescindível a compreensão. O desafio do mestre “[...] é transmitir seus conhecimentos aos alunos, para elevá-los gradativamente à sua própria ciência<sup>4</sup>”. Ao considerar tal afirmação, observa-se que o ato de educar não é visto apenas como “depósito<sup>5</sup>”, simplesmente como meros reprodutores de conhecimento, mas sim que desperte nos educandos a vontade dessa busca.

A partir dessa premissa, destaca-se o que Jacotot postula em relação ao “[...] ensinar o que se ignora<sup>6</sup>”, essa revelação mostra que a ignorância do mestre se centra em tentar salvar o aluno da própria ignorância, desconsiderando sua capacidade de inteligência. A proposta de Jacotot evidencia o contrário, pois a experiência em Louvain aponta que mesmo não tendo domínio de outra língua os alunos conseguem aprender, mesmo o professor desconhecendo o livro “*Telêmaco*”. Essa aventura no método sem conhecê-lo pressupôs a visão da obra e a

---

<sup>1</sup> Rancière, 2015, p. 31-32.

<sup>2</sup> Ibidem, p.32.

<sup>3</sup> Ibidem, p.33.

<sup>4</sup> Ibidem, p.19.

<sup>5</sup> Termo usado por Paulo Freire (Educação bancária)

<sup>6</sup> Ibidem, p.34.

### Building the way

vontade dos aprendizes em compreender a língua francesa. Fica evidente nas palavras de Rancière (2015) que “[...] todas as frases e, por conseguinte, todas as inteligências que as produzem são de mesma natureza. Compreender não é mais do que traduzir, isto é, fornecer o equivalente de um texto, mas não sua razão<sup>7</sup>”. Isso significa que não são necessárias explicações para chegar-se à compreensão, pois essa inteligência está ligada ao conhecimento inato dos educandos, mesmo no domínio da língua oficial busca em seu repertório linguístico mecanismos que ofereceram o entendimento do saber desconhecido. Desse modo, evidencia que a capacidade de inteligência na visão do autor está associada ao inatismo do homem em compreender o desconhecido.

O ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele pode, e o obriga a atualizar sua capacidade: círculo de *potência* homólogo a esse círculo da *impotência* que ligava o aluno ao explicador do velho método (que denominaremos, a partir daqui, simplesmente de *o Velho*) (RANCIÈRE, 2015, p.34).

Todo o esforço do sistema explicativo é corrompido na obra, ficando claro que a preocupação do mestre explicador em relação à transmissão de conhecimento é colocada em cheque por ele, que acredita na capacidade do indivíduo, sendo o professor capaz de criar mecanismos que desenvolvem no educando um conjunto de raciocínios necessários a emancipação.

Além disso, vê-se a preocupação quanto à relação dos iguais, na qual tanto professor quanto aluno são colocados em mesmo nível de inteligência, pois “[...] não há hierarquia na ignorância. E que os ignorantes e os sábios podem, comumente, é a isso que se deve chamar o poder do ser inteligente, como tal<sup>8</sup>”. É assim que o mestre pode instruir, verificando sua aprendizagem, colocando como iguais perante o processo de aquisição do conhecimento, sendo esse o cerne de todo o método, que para “[...] emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio<sup>9</sup>”. Essa dupla relação entre emancipado e emancipador deixa claro esse dialogismo propagado no método, rompendo paradigmas da desigualdade, colocando inferiores e superiores no mesmo patamar de inteligência.

Ancorados nessa dualidade, Jacques Rancière revela que as desigualdades das inteligências não são uma verdade absoluta, pois tratar todos como iguais no nível de conhecimento é inadmissível. Ao contrário disso, acredita na capacidade individual de cada sujeito, o uso desse termo “iguais”, justapõe a questão de classes porque o desenvolvimento

---

<sup>7</sup> Ibidem, p.26.

<sup>8</sup> Ibidem, p.55.

<sup>9</sup> Ibidem, p.57.

### Building the way

intelectual não está associado à classe social, mas sim ao desenvolvimento cognitivo dos educandos, ofertando-os saberes necessários ao domínio de proficiências que os colocarão no mesmo nível de competência e inteligência.

A partir disso, faz-se necessário esclarecer que o método denominado “Ensino Universal” proposto por Joseph Jacotot e revivido por Jacques Rancière defende a ideia de que para aprender não é necessário o outro, mas que o educando se coloque como sujeito de sua própria aprendizagem, no qual o aluno tem autonomia para experimentar e selecionar conteúdos que favoreçam sua própria aprendizagem. Questiona-se no Ensino Universal se é relevante o uso do livro como instrumento de aprendizagem no método. O autor deixa claro na obra a liberdade que o educando tem em explorar o conhecimento exposto no livro, pois a informação já está explícita, ficando a cargo do aluno a compreensão e vontade de desvendar tal conhecimento.

O livro nunca está inteiro, a lição jamais acabada. O mestre sempre guarda na manga um saber, isto é, uma ignorância do aluno. *Entendi isso*, diz o aluno, satisfeito. - *Isso é o que você pensa*, corrige o mestre. *Na verdade, há uma dificuldade de que, até aqui, eu o poupei. Ela será explicada quando chegarmos à lição correspondente.* - *O que quer dizer isso?* Pergunta o aluno, curioso. - *Eu poderia lhe explicar*, responde o mestre, *mas seria prematuro: você não entenderia. Isso lhe será explicado no ano que vem* (RANCIÈRE, 2015, p.41, grifo do autor).

Com os pressupostos apontados na citação, destaca-se que o livro é o caminho a ser percorrido, porém é o aluno que exerce a liberdade de seu conhecimento, no qual o professor não assume a postura de mero explicador, mas como mediador, questionando-o: “[...] o que pensas disso? O que fazes com isso?”<sup>10</sup>. Com tais indagações percebe-se que no Ensino Universal o professor assume o papel de conduzir o conhecimento, provocando e instigando-os à busca de informações para esclarecer o objeto estudado, fugindo assim, do *Velho método* que foca em decorar “[...] livros inteiros. E O Velho indigna-se: eis o que significa, para vós, *aprender qualquer coisa*. Primeiramente, vossas crianças repetem como papagaios”<sup>11</sup>.

Dessa forma, o livro assume dois papéis, como objeto de conhecimento e como um objeto que carece de ser pesquisado, no qual o aluno reconhece seu papel como sujeito capaz de emancipar-se a si mesmo. Fica claro que o autor reconhece o Ensino Universal como método da vontade, no qual o aluno aprende sem a presença do mestre explicador. “[...] A inteligência

---

<sup>10</sup> Ibidem, 2015, p.44.

<sup>11</sup> Ibidem, 2015, p.45, grifo do autor.

### Building the way

é atenção e busca, antes de ser combinação de ideias. A vontade é potência de se mover, de agir segundo movimento *próprio*, antes de ser instância de escolha”<sup>12</sup>.

Em consonância a esse apontamento, Rancière (2015) compreende no método a igualdade das inteligências, em que o referido filósofo defende a ideia de que agir “[...] sem vontade ou sem reflexão não produz um ato intelectual. O efeito que daí resulta não pode ser classificado entre as produções da inteligência, nem comparado com elas. Na inação, ao se pode ver nem mais, menos ação; não há nada”<sup>13</sup>. No que tange a tal afirmação, ressalta-se que o efeito de práticas em sala de aula que não levam em consideração a vontade do aluno de apreender, foge totalmente ao método de Jacotot, pois ao pensar no aluno e na realidade que está inserido *o indivíduo pode ser tudo o que quiser*<sup>14</sup>, esse poder dá-se através do momento em que o sujeito percebe-se capaz de agir e atuar sobre sua própria realidade.

Portanto, o propósito desse tópico é deixar claro que Rancière por meio do Ensino Universal pretende construir uma sociedade de emancipados. Uma sociedade que repudie a desigualdade das inteligências, a transmissão mecânica do conhecimento, bem como o não reconhecimento da potencialização dos educandos, ocorrendo assim o princípio fundamental do método de que todos tem uma inteligência a serviço da vontade.

### **A sociedade dos não pensantes**

A década de 1990 foi marcada por mudanças significativas no campo educacional, alterando a dinamicidade da sociedade contemporânea. Esse quadro epistemológico se evidencia diante das inúmeras discussões em relação aos reflexos que permeiam aos objetivos da educação e o papel da escola frente às mudanças socioeconômicas no cenário mundial. Grande parte dessas investigações elucidam as políticas públicas educacionais, formação dos professores e os currículos da Base Nacional Comum, numa perspectiva de equalizar as mudanças sociais e as práticas educativas mais significativas que atendam as demandas pedagógicas do contexto atual.

Rancière propõe uma reflexão entre pensadores, numa perspectiva epistemológica apontando posicionamentos pautados pelos ideais de Joseph Jacotot, na tentativa de refletir sobre o contexto histórico-social que possibilite compreender as mazelas da educação e propor um método emancipatório para o sujeito, partindo do pressuposto da vontade de aprender. A

---

<sup>12</sup> Ibidem, 2015, p.83.

<sup>13</sup> Ibidem, 2015, p.84.

<sup>14</sup> Ibidem, 2015, p.85.



### Building the way

ideia é que mesmo num contexto neoliberal este método seja capaz de romper com os paradigmas que envolvem as ciências da educação no campo científico e, o reflexo no campo social. Nesse sentido, desvela a figura do professor explicador e do mestre ignorante que emancipa seu aluno. Por fim, faz uma correlação entre o positivismo dominante como modelo tradicional de ensino, marcado pelo professor explicador e/ou a urgência do surgimento de professores emancipadores, basilar para entender o contexto da produção humana no momento atual.

Segundo Rancière (2015) a forma equivocada onde se utiliza fragmentos de saberes onde “Ensinar era, em um mesmo movimento, transmitir conhecimento e formar os espíritos, levando-os, segundo uma progressão ordenada, do simples ao complexo” (p.19). Esta visão piagetiana, praticada e instituída pelos professores, serviria apenas para instruir proletários, onde o destino social era o uso compatível do saber com tal destinação. Rompe assim, mesmo que ao acaso, com a concepção filosófica da educação tradicional, onde até então, a explicação dos círculos concêntricos embasava o processo de ensino aprendizagem. E, ainda, aponta a necessidade do surgimento de práticas emancipatórias que rompam com o paradigma tradicional, perpetuado ao longo da história educacional que embrutece.

Tal prática embrutecedora torna o aprendiz incapaz de pensar, agir e de produzir de modo autônomo, tornando-os reprodutores de conhecimentos ou, melhor dizendo, meros expectadores da sociedade. Ao propor a inquietante reflexão de ruptura com um sistema arcaico, dentro de uma visão dialética sobre as possibilidades de mudanças, mesmo que individuais, acredita-se que seu desdobramento interferirá direta ou indiretamente na ciência, na educação, para o professor e para os alunos, diminuindo a distância entre as diferentes classes sociais e suas exigências, promovendo uma democratização do ensino, quebrando o mito da pedagogia de que o aluno é incapaz de aprender sem que haja explicação e interferência do professor.

Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos (RANCIÈRE, 2015, p. 23 - 24).

A sociedade contemporânea está envolta de uma cortina de paradigmas dominantes. A coesão social desfavorece a compreensão do contexto histórico- social de dominação e da urgência da ruptura deste sistema inter-relacionado com a educação, alicerçada em concepções de totalidade de pensamentos, valores pré-estabelecidos de organização social, um discurso

### Building the way

intransponível e, por assim dizer, quase invisível, inviabilizando a organização da sociedade para seguir uma ordem sistêmica e independente. O autor, na tentativa de plantar uma interrogação, considera que, quando o indivíduo se emancipa individualmente, o reflexo pode surgir em sua totalidade na organização de uma sociedade que busca solução para seus problemas.

A dualidade de pensamento entre Rancière e Jacotot, à luz da pedagogia, implica-se a recolocar em debate as variáveis singulares do ato de ensinar e aprender, apontar as desigualdades perpetuadas através das práticas pedagógicas fixadas na relação aluno/professor e o saber, que são constituídas de métodos, regras, valores e conceitos que prevalecem e vigoram no contexto atual. Neste sentido, faz uma cronologia de pensadores que contribuíram para a solidificação do pensamento tradicional de ensino. Em destaque, está René Descartes e seu contemporâneo Maine de Biran que defendia que deveríamos duvidar dos conhecimentos que não houvesse embasamento científico evidente.

Segundo Rancière, a experiência ao acaso remete a uma analogia ao pensamento de liberdade das crianças como pré-requisito para aquisição da aprendizagem. Isso nos remete ao pensamento de Rousseau, cujo princípio era a liberdade: “[...] perdem seus alunos, para melhor guia-los e balizam astuciosamente todo um percurso com obstáculos que precisam superar sozinhos” (RANCIERE, 2015, p. 26-27). Neste sentido, o autor acredita que há uma redundância entre entender e compreender, pois em sua concepção são sinônimos e, o ato de explicar o que já está explicado é antes de tudo submeter uma inteligência à outra, ou seja, um ato de embrutecimento.

Sua experiência, trouxe questionamentos sobre aos ideais positivistas, que apropriaram das reflexões de Bourdieu, de adaptação do ensino, como mecanismo (des)igualitário social, no intuito do ensino atingir todos e de todas as camadas sociais. A esse respeito, o paradigma tradicional não admite neutralidade entre as contradições do conhecimento científico e social.

É possível vislumbrar algumas mudanças, mas nota-se que o sistema tradicional ainda se faz presente. E acrescenta, a “comparação não mais se estabelecia entre métodos, mas entre dois usos da inteligência e entre duas concepções da ordem intelectual” (RANCIÈRE, 2015, p.32).

As dicotomias próprias do paradigma dominante vêm sofrendo críticas e sendo contestadas na busca de novos modelos que atendam os desafios da sociedade contemporânea. A complexidade e a diversidade em sua totalidade provocam inquietações inerentes ao contexto histórico-social e pedagógico. Neste intuito, na obra intitulada “O mestre ignorante: cinco lições

### Building the way

de emancipação intelectual” a figura de Joseph Jacotot possibilita (re)pensar a educação e a função dos professores, mas em uma perspectiva de ver o aluno como protagonista do seu saber.

Ao dialogar com outros pensadores, Rancière provoca o método Socrático considerando como método embrutecedor por excelência. Para o autor, é um modelo autoritário que submete o outro a sua vontade. Para o autor, é necessário que haja uma inversão na relação professor/aluno, passando então a ser de inteligência para inteligência. Neste cenário, o aluno assume um novo papel histórico, passa a produzir seu próprio conhecimento, sendo ativo tanto no ato de aprender, quanto no método a ser utilizado para atingir sua aprendizagem. Abole as desigualdades e promove a confiança, pois se sente livre para aprender. “Quem ensina sem emancipar, embrutece. E quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada talvez.” (RANCIÈRE, 2015, p.37).

Por meio desse posicionamento destaca-se a posição do sujeito, sendo quem “[...] determina – consciente ou não – sua relação com a situação, em função de seus projetos, preocupações e interesses do momento” (PERREMOUD, 2001, p.171). Para o autor, não se trata de uma nova didática, mas uma mudança paradigmática de emancipação. A ligação diz respeito à aprendizagem significativa, mediante as competências e habilidades envolvidas no processo educativo, partindo das relações que estabelecem com o seu meio social de existência, onde cada pessoa desenvolve o saber partindo de um ponto de referência. O fundamento emancipatório fica implícito entre a aproximação filosófica com os anseios de pedagógicos.

Rancière pontua que é preciso inverter a lógica do sistema explicador. Partindo da relação emancipatória que exige que se inicie o processo, não pelo o que o aluno desconhece, mas das relações do que desconhece com o já sabido. Sob este prisma, as novas metodologias perpassam pelo interesse do aluno, passando pelo afetivo, social e cultural. Assim, deixa de ser uma mera transmissão passiva de conhecimento, em que o professor assume a figura daquele que tudo sabe e o aluno como o sujeito desprovido de qualquer conhecimento. Este método de embrutecimento que emerge da diferença das inteligências, que sujeita o aluno a sua vontade.

No decorrer da narrativa, o autor aproxima seus anseios aos pensamentos de Paulo Freire, na tentativa de desmitificar os interesses da prática pedagógica, democratizando-a e tornando-a acessível e significativa para quem aprende e compensatório para quem ensina. Nota-se que o ato de aquisição de conhecimento é uma ação ativa, autônoma e dialógica, sendo que ambos concordam que o método tradicional é embrutecedor e a prática pedagógica não passa de mera transmissão passiva de conteúdo, numa vertente em que o professor é o detentor do saber, que aos poucos deposita seu conhecimento e, seu aluno um mero agente passivo.

### Building the way

E para que isso ocorra afirma que “O mandamento emancipador não conhece negociações. Ele comanda absolutamente um sujeito que supõe capaz de comandar-se a si mesmo” (RANCIÈRE, 2015, p.63), e propõe como solução o Ensino Universal, onde tudo está em tudo, como fundamento basilar para a emancipação, pressupondo que as superações das diferenças intelectuais ocorram dentro de num processo individual. E reafirma: “O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência.” (RANCIÈRE, 2015, p.64).

### **Limites e possibilidades para a instauração do Ensino Universal na atualidade**

É inegável que a obra de Rancière traz grandes contribuições para possíveis reflexões sobre o sistema educacional como um todo e sobre a prática pedagógica equivocada que vem norteando, hegemonicamente o processo de ensino e aprendizagem nos diferentes espaços de formação. A obra desperta o interesse pela busca de um novo olhar sobre “o que”, “como” e “para que” tem-se ensinado. No entanto, faz-se necessária uma discussão em relação aos limites e possibilidades deste Ensino Universal na sociedade contemporânea.

Rancière, amparado pelas ideias pedagógicas de Jacotot, evidencia e reforça ao longo de toda a obra que o Ensino Universal só pode ser consolidado a partir de uma perspectiva do indivíduo, ou seja, não é possível que seja aplicado a coletividades ou a categorias sociais. De acordo com seus princípios, a emancipação intelectual só será possível mediante uma transformação individual do sujeito e este, ao alcançar esta emancipação, será capaz de emancipar o outro.

Nota-se, desse modo, que o Ensino Universal propicia uma espécie de “corrente da emancipação”, tendo como ponto de partida o indivíduo. No entanto, faz-se necessário dialogar com outras correntes filosóficas que contestam a ideia de que apenas a transformação individual gera a transformação coletiva. Assim, segundo Marx (2001, p. 19-20):

[...] serão antes os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência.

A ideia central do pensamento de Marx, neste aspecto, é que não é a consciência materializada numa perspectiva individual que determina a realidade, mas sim o contrário. Para ele, o individual deve estar contido no genérico assim como o genérico deve estar contido no

### Building the way

individual. A partir dessas evidências, instaura-se um convite à reflexão: seria possível pensar a emancipação intelectual prioritariamente a partir do âmbito individual? Seria possível superar a desigualdade das inteligências a partir desta ótica?

Seguindo esta ideia, também se faz pertinente pensar sobre os limites de uma emancipação intelectual. Sem dúvida, trata-se de uma forma de libertar os indivíduos das artimanhas da desigualdade tão questionada por Rancière, pois o acesso ao conhecimento contido em um livro e o desenvolvimento de uma comunicação razoável a partir da premissa de que “tudo está em tudo” leva o indivíduo a verificar a igualdade das inteligências e, nesse sentido, esse indivíduo consegue superar a sua condição de “inferior superior” e torna-se apto a emancipar outras pessoas.

No entanto, segundo Marx (2010), não é possível pensar em formas de emancipação isoladas (assim como uma “emancipação política”, por exemplo), mas sim na “emancipação humana” a partir da universalidade.

Fica evidente, pois a impossibilidade de dissociar o homem individual do homem social assim como também é impossível desenvolver apenas uma emancipação intelectual, ainda que se constitua como parte da emancipação humana. No entanto, apesar de que Rancière deixa clara a prioridade que estabelece à emancipação intelectual, ele também instiga algumas inquietações quando afirma que o Ensino Universal não vingará em nossa sociedade, pois ela pertence ao velho método. Contudo, ainda segundo ele, este método nunca morrerá. Aqui cabe a interpretação de que ele não morrerá, pois é uma ideologia de transformação, é uma possibilidade de ruptura e, no contexto da desigualdade das inteligências, são essas ideologias contra hegemônicas que florescem as aspirações legitimamente humanas e que trazem aos educadores a possibilidade de acreditar na educação.

Assim, quando o autor se utiliza desse recurso linguístico quase paradoxal (“não vingará, mas não morrerá”), ele também dá abertura para que o leitor considere a possibilidade de que a sua proposta é de ruptura com o sistema social instaurado, ou seja, para que o Ensino Universal possa vingar, outra sociedade é necessária. Então, caso essa interpretação tenha a licença de ser considerada, a emancipação não será apenas intelectual, mas sim a verdadeira emancipação humana em sua universalidade.

No entanto, no contexto de Jacotot ainda era recente a implementação do sistema capitalista e, por mais que fosse ele um revolucionário para a sua época e por mais que contestasse a educação progressiva e, decorrente dela, a afirmação das desigualdades, não fica nítido o ponto de vista da ruptura com o sistema capitalista. Todavia, as contribuições que a

### Building the way

obra traz para prementes reflexões sobre o sistema educacional na atualidade ficam a critério de suas possíveis múltiplas leituras.

Outra questão importante de ser salientada é à vontade. Conforme as explicações de Rancière, a vontade seria o ponto determinante para a aprendizagem, mas não a vontade pervertida pela preguiça ou pela distração, mas sim aquela vontade que é atenção e que, portanto, consegue verificar de forma razoável a igualdade das inteligências sob a ótica de que tudo está em tudo. No entanto, por ser a vontade uma determinação individual que não se dissocia das determinações externas (contexto social, político e econômico), é impossível pensar em uma vontade essencialmente voltada para a atenção, conforme requer Jacotot, sem antes buscar a transformação da realidade coletiva que, por sua vez, determinará as vontades individuais.

Assim, se consideramos o contexto da sociedade moderna e as suas múltiplas formas de coerção para a perversão da vontade, torna-se cada vez mais difícil alcançar a tão sonhada “emancipação intelectual” proposta por Jacotot. Entre essas formas de coerção da atualidade, podemos citar a indústria da informação gerada pela tecnologia que, ainda que traga a possibilidade de que o indivíduo aprenda por si só, não é uma aprendizagem da totalidade. Os conhecimentos são propositalmente superficiais, rápidos e imediatos. Tudo está acessível a todos, porém, todas as formas de apropriação da cultura têm sido direcionadas para a lógica daquilo que Adorno chama de semicultura.

Desse modo, a formação que se tem a partir dela é a “semiformação”, em que os efeitos deste processo penetram no espírito, conforme explica Adorno (2005, p. 4), enfatiza que a “adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade”. Todas essas considerações explicam que, com o comprometimento do espírito, a vontade não pode ser outra senão a vontade pervertida. Portanto, mais uma vez fica evidente que a transformação deve se dar pela ordem coletiva, já que é o sistema que induz à vontade pervertida. E esse sistema está pautado no modo de produção vigente, nas relações de trabalho e as outras formas de relações humanas que se estabelecem a partir dele. Portanto, há de se pensar sobre a apropriação do conhecimento para além da ótica do indivíduo.

A última questão que traz grandes inquietações é a declaração de Jacotot de que o Ensino Universal não nasceu para ser aplicado na escola, sobretudo por se tratar de uma instituição coletiva, de uma categoria social. Diante desta premissa, torna-se um grande desafio

### Building the way

a todos os educadores a tentativa de aplicar o Ensino Universal em sua prática pedagógica, já que ao longo de sua atuação profissional, é preciso lidar sempre com salas de aula repletas de diferentes individualidades complexas, com todas as suas vontades que respondem a particularidades históricas e sociais.

Assim, cabe a cada um de nós sabermos extrair todas as reflexões que a obra de Rancière nos traz, com todos os seus limites e possibilidades, de modo que nunca percamos de vista a aspiração pela emancipação intelectual, quiçá a emancipação humana em sua universalidade, sempre a partir do pressuposto de que todas as inteligências são iguais.

### **Referências**

ADORNO, Theodor W. *Teoria da Semicultura*. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2005. Disponível em: <[http://www.primeiraversao.unir.br/atigos\\_pdf/191\\_.pdf](http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191_.pdf)> Acesso em: junho de 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MARX, Karl. *Sobre a Questão Judaica*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Trad: COSTA, Luis Claudio de Castro e. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: <[http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/aideologiaalema\\_karlmarx\\_e\\_engels.pdf](http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/aideologiaalema_karlmarx_e_engels.pdf)>. Acesso em: julho de 2016.

PERREMOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza* / Philippe Perremoud; trad. Claudia Schilling, - Porto Alegre: Artimed Editora, 2001.

RANCIÈRE, Jacques (2015). *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.